

“Processo de redução da dívida está maduro”

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O processo de redução da dívida externa da América Latina está maduro. Concordaram com esse diagnóstico o embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira; o próximo presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez; o presidente do American Express, John Robinson; o vice-ministro da Economia do México, Francisco Suárez; e vários outros banqueiros, políticos e economistas.

Eles se reuniram na Escola de Governo John F. Kennedy, a convite da prestigiosa Universidade de Harvard, em Boston, na quinta e sexta-feira passadas, para um seminário sobre a dívida da América Latina. O próprio presidente da Harvard, Derek Bok, abriu o seminário e explicou que esse assunto se torna cada vez mais premente e precisa ser debatido ampla e abertamente.

O presidente do comitê de bancos que assessora o Brasil, William Rhodes, do Citicorp, fez uma exposição sobre o acordo que o Brasil assinou com os bancos na quinta-feira passada. Robinson expôs seu projeto de uma agência internacional de administração da dívida do Terceiro Mundo, já prevista na nova lei de comércio dos Estados Unidos. E o professor Jeffrey Sachs, que esteve recentemente no Brasil, descreveu a redução da dívida externa da Bolívia.

Moreira foi autorizado pela Universidade de Harvard a resumir sua exposição para este jornal. “Senti um amplo consenso no sentido de que a redução da dívida externa da América Latina já está madura”, afirmou.

Ele descreveu o processo de endividamento do Brasil em quatro fases. Na primeira, entre 1974 e 1979, o País aumentou muito a dívida e investiu (Itaipu,



**Marcílio Marques
Moreira**

metrô etc). Entre 1980 e 1983 acontece um período que Moreira qualifica de “estéril”, porque a dívida se multiplica mas não há investimentos, apenas pagamentos de juros e de petróleo. A terceira fase, de renegociação do principal, foi de 1983 a 1988, e terminou na quinta-feira.

Agora começa uma quinta e nova fase, de redução da dívida e mobilização de recursos adicionais, para financiar o crescimento e a modernização da economia brasileira. “Isso terá de ser feito através de um esforço cooperado dos bancos comerciais, estes sobretudo no financiamento do comércio externo, dos organismos multilaterais e dos governos”, afirmou o embaixador.

Ele entende que os bancos comerciais vão-se beneficiar do processo de redução da dívida: “É preciso não esquecer que tal redução aumenta a possibilidade de os bancos receberem a outra parte da dívida, e que uma dívida menor é mais fácil de se pagar que a atual”.

Rhodes comentou com o embaixador que ficou muito satisfeito com a ênfase que o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, deu ao processo de redução da dívida que começa agora.